

Impressões da Figueira da Foz / 1932

Realização: Manuel Toledo / **Produção:** Ulyssea Filme / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (digitalização Ultra HD de um internegativo de imagem 35 mm; trabalho efetuado no âmbito do projeto FILMar Digitalização do Património Cinematográfico), preto e branco, mudo / **Duração:** 8 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Impressões da Figueira da Foz é apresentado com **Sinais de Vida** de Luís Filipe Rocha, 1984 (“folha” distribuída em separado)

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, com o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

Sessão com apresentação

Na recuperação do abundante património cinematográfico português em que a figuração de temáticas marítimas tem alguma relevância, o projeto FILMar terá permitido preencher algumas lacunas no conhecimento de zonas menos frequentadas da nossa cinematografia. É o caso deste **Impressões da Figueira da Foz**. Única obra conhecida assinada por Manuel Toledo e com produção da Ulyssea Filme (pequena produtora surgida no final dos anos 1920 e cuja génese está ligada a figura do distribuidor e exibidor Raul Lopes Freire), o filme não destoaria dos documentários e dos filmes de publicidade em que essa produtora lisboeta começou por se especializar. Inventário visual de aspectos variados da orla marinha da Figueira da Foz – vistas gerais da praia, do mar, das casas da sua zona marginal -, o filme parece ter servido fundamentalmente um propósito de promoção da cidade e deixa-se ver como um agradável postal ilustrado com imagens em movimento da sua iconografia mais ligada ao veraneio, ao ócio e à então nascente indústria do turismo. Se alguns momentos deste **Impressões** poderão trazer à memória - pela temática e pela imagética próximas - o **À propos de Nice**, estamos no entanto bem distantes da ironia feroz e da inventividade visual desse filme de Jean Vigo (que talvez Manuel Toledo – tal como Manoel de Oliveira deixou perceber em **Douro, Faina Fluvial** – tenha visto e admirado).

Feito no estertor do cinema mudo, o qual se prolongou até um pouco mais tarde no caso do documentarismo (embora no mesmo ano deste **Impressões da Figueira** já se tivesse iniciado em muitos outros países a profunda transformação do documentário pela introdução do som), o filme utiliza o repertório habitual do registo poético então em voga, feito de planos de elementos avulsos mas com semelhante valor plástico, ordenados por uma montagem “musical” que constrói um ambiente mais do que uma narrativa. Na ausência de um ponto de vista forte sobre a realidade mostrada (o retrato desta Figueira da Foz é sobretudo o das suas belezas naturais e dos motivos de interesse que a actividade humana foi capaz de lhe acrescentar), ficamos sobretudo com um documento valioso e com evidentes qualidades visuais (faça-se justiça às qualidades da fotografia e de composição do filme) que nos dão a aparência daquela cidade nos anos 1930, precisamente o mesmo cenário e a mesma época do enredo do livro de Jorge de Sena, *Sinais de Fogo*, mas aí abordados de forma bem menos “paisagística”.